Cid Seixas

ESPELHO CÔNCAVO

issuu.com/e-book.br/docs/e-concavo

e-book.br
EDITORA UNIVERSITÁRIA
DO LIVRO DIGITAL

O último livro de poesia de Cid Seixas, *O Espelho Infiel*, foi publicado há mais de 20 anos, precisamente em 1996. Somente agora o autor resolve voltar a divulgar seus poemas, tanto em forma de e-book quanto através de páginas avulsas, no site **www.linguagens.ufba.br.**

Os livros eletrônicos da coleção **E-Poket**, conforme o título já indica, têm como característica o tamanho reduzido, similar às pequenas coleções de bolso. No caso presente, o formato denominado *e-poket* foi desenvolvido para ser lido, com toda comodidade visual, em celulares e outros equipamentos de tamanho diminuto.

ESPELHO CÔNCAVO

Copyright 2019 © Cid Seixas
Tipologia Original Garamond, 14
Formato 100 x 170 mm
112 páginas

Pintura de capa:
Edvaldo Assis
No Cais do Porto da Velha Baía

Endereços deste e-book:
issuu.com/cidseixas/docs/e-concavo
issuu.com/ebook.br/docs/e-concavo
www.e-book.uefs.br
www.linguagens.ufba.br

Cid Seixas

ESPELHO CÔNCAVO

Poemas escolhidos

e-book.br
EDITORA UNIVERSITÁRIA
DO LIVRO DIGITAL

Conselho Editorial:
Alana El Fahl (UEFS)
Cid Seixas (UFBA | UEFS)
Ester Mª de Figueiredo Souza (UESB)
Francisco Ferreira de Lima (UEFS)
Gildeci de Oliveira Leite (UNEB)

Contatos:
cidseixas@yahoo.com.br

As publicações da E-Book.Br
também podem ser impressas pelas
Edições Rio do Engenho,
Rua Dr. Alberto Pondé, 147/103
40 296-250 | Salvador, Bahia

SUMÁRIO

Alguns Versos e Pouca Poesia | 11
Espelho Côncavo | 19
Água Acústica | 20
Alquimia | 21
Antimalarmaico | 22
Aprendizado | 23
A Rose, a Stone, a Woman | 24
Bahia de Todos os Santos | 25
Cantiga de Amor e de Amigo | 27
Cantiga de Amor para Viola e Pífaro | 29
Cantiga de Desamor | 31
Compromisso | 33
O Confessionário e o Divã | 34
Corrrentezear | 35
Credo | 36

Declaração de Bem | 38
Diálogo | 41
Didática do Rio | 47
Eixo | 48
Eterno Efêmero | 49
Fábula Nietzsheana | 51
Fênix, a Palavra | 53
Fonógrafo, solfejo falado | 54
Fragmento | 58
Godô, o Velho Bruxo | 60
Jornal | 62
Natal das Pedras do Rio | 63
Ode Amorial | 65
O Encouraçado | 67
Ohlepse | 68
O Hóspede | 69
O Paraguaçu e seu Vale | 71
O Prontuário | 73
O Signo Selvagem | 74
Paráfrase | 77
Paráfrase 2 | 82

Partilha | 83
Poema de Natal | 84
Poética | 87
Presença | 90
Quadras de Roda | 92
Renascimento | 93
Resíduos | 95
Quatro Cantos do Rubaiyat | 97
Solilóquio de São Francisco de Assis | 102
Soneto | 104
Tebas Revisitada: Cidade da Bahia | 105
Uma Quase Tradução de Lorca | 108
Uno | 109

As variações poéticas em torno do homem e do rio me interessaram na medida em que traduzem a identificação do autor com o meio físico. Creio que esse tipo de poesia, uma vez tradado com expressão pessoal e viva, contribuirá para uma definição cultural mais nítida do país.

Carlos Drummond de Andrade

ALGUNS VERSOS E POUCA POESIA

Meu primeiro livro de poemas, *Temporário*, foi publicado em 1968, pela Cimape Editora, tendo o segundo, *Paralelo entre homem e rio: Fluviário,* saído em 1972, pela Imprensa Oficial da Bahia.

No ano de 1978 veio a lume *O signo selvagem: metapoema*, editado pelo Departamento de Assuntos Culturais de Salvador, e, no ano seguinte, 1979, a Editora Civilização Brasileira, que era na época uma das mais importantes do país, publicou, em coedição com o Instituto Nacio-

nal do Livro, *Fonte das pedras,* meu primeiro livro de repercussão nacional. Algumas críticas foram bastante favoráveis e duas opiniões foram bastante desfavoráveis.

A partir daí, se passaram treze anos para que eu reunisse material para um novo livro de versos, *Fragmentos do diário de naufrágio,* publicado em Salvador pela Oficina do Livro. E, por fim, veio o derradeiro volume de poemas, *O espelho infiel,* que foi lançado pela Diadorim, do Rio de Janeiro, em 1996.

Constato agora que ao publicar o primeiro livro, ainda muito jovem, não percebi que em meio a muitos versos havia pouca poesia. E assim, tropeçando e aos poucos, fui aprendendo a ver as coisas – não como eu gostaria que elas fossem, mas como realmente são. Desse modo, ao aprender a ler e escrever de forma aceitá-

vel, descobri também, e principalmente, que ler é um modo de criar, inventar e ultrapassar os próprios limites. Se na leitura reinventamos e reescrevemos – nas páginas luminosas da imaginação – tudo aquilo que foi dito, revelado e velado pelos autores lidos, para que escrever nossos versos? Eles não têm a mesma amplitude e fulgor dos sentidos nascidos na leitura. Foi dessa forma que meus próprios poemas foram minguando, qual lua já sem brilho.

Lembro que, ainda jovem, ao conhecer o poeta e agitador cultural Carlos Cunha, passamos a desenvolver algumas atividades destinadas a ultrapassar o momento de incertezas e desencantos pelo qual o país passava, como consequência de um regime político sustentado na força, na prisão e na tortura. De um lado, pessoas dispostas a lutar e a morrer

por um ideal de sociedade justa e igualitária que nenhum de nós conhecia, mas imaginava possível de construir. Do outro lado, aqueles que viam apenas o embate entre duas grandes potências totalitárias e defendiam os interesses daquela que lhes parecia mais justa – ou menos injusta.

Para vislumbrar alguma vereda além do caminho escuro, começamos a realizar eventos culturais, feiras de livros, concursos literários e outras coisas. Criamos uma editora – a *Arpoador* – e publicamos algumas obras de autores baianos, graças ao acesso a verbas governamentais para projetos que não entrassem em choque com os senhores do século.

Ao mesmo tempo em que criávamos coisas, Carlos Cunha, mais velho do que eu e por isso mais dado ao pessimismo que o momento im-

punha, não via horizontes luminosos. Por vivermos em uma cidade, ou em um país, com hábitos de pouca leitura, Cunha costumava dizer que a nossa Bahia tinha mais poetas do que leitores. O era uma contraditória verdade. Antes, mesmo, de aprender a ler um livro, uma multidão autolaureada de poetas começava a escrever na língua dos sonhos tumultuados uma avalanche de palavras impossíveis de compreender.

Mesmo sem saber escrever o sentido de um simples recado, todos escrevíamos incompreensíveis poemas cheios de som e vácuo, significando – nada.

Ao tempo em que eu descobria a luz incômoda da realidade, foi acontecendo um certo desengano pela atividade lírica, passando a me dedicar ao ensaio e à crítica literária. Em certo momento, percebi que depois ler

autores como Shakespeare, Pessoa, Machado ou Drummond, me sentia incapaz de dizer coisas que pudessem interessar a alguém mais além de mim.

Por isso, preferi, apenas, levar aos leitores, através de comentários e análises, as várias vozes em verso e em prosa que são essenciais. Necessárias.

Agora, com reservas; e sabendo quanto limitados são, reúno alguns poemas que, por um ou outro motivo, têm algum significado para mim.

Se a leitura servir para entreter o pensamento ou a emoção de alguém, o trabalho não terá sido inútil.

Setembro de 2019

POEMAS ESCOLHIDOS

Cid Seixas revela uma força de expressão e um domínio da matéria poética que o situam na primeira linha da poesia brasileira. Poesia madura, de emoção contida e profunda, de beleza grave e meditada.

Jorge Amado

ESPELHO CÔNCAVO

Quero tudo que não tenho,
porque nunca o terei.
Desejo a rainha do sonho
na cama do próprio rei.

O que tenho está perdido
entre o nada que ganhei
do outro lado, o do não tido,
onde existe o que inventei.

Não quero aquilo que quero:
o objeto é só o querer.
Não amamos quem amamos
mas o amor, modo de ser.

ÁGUA ACÚSTICA

No nome Capibaribe,
ou mesmo no Beberibe,
bebi o sabor da água
que não busquei nos rios,
chegado a este Recife.

Na corrente da palavra
de um poeta João
profundo tornou-se o vau:
arrastado a dura Pena
fui em busca de Bandeira.

Assim, saciada a sede,
não pude, como queria,
beber a líquida água,
não apenas a eufônica,
dos rios deste Recife.

ALQUIMIA

1

E com o passar do tempo
nos tornamos alquimistas.

Desfiamos as horas,
trabalhamos a esperança
e chegamos à espera.

2

E novamente principiamos.

A alquimia da espera
inventou a permanência.

ANTIMALLARMAICO
DEPOIS DA TERCEIRA TAÇA DE VINHO E VIDA

"La chair est triste, hélas!
et j'ai lu tous les livres."
Stéphane Mallarmé

A carne é alegre.

E há tantos livros
que não li.

APRENDIZADO

No tempo que a memória
agora tornou palavra,
a sua lírica lira
velho poeta tocava.

Aprendiz dos mais atentos
ao campo que o mestre lavra,
aguardando a sua vez,
esse menino escutava.

Morto o velho poeta,
um dia a lira se quebra,
feito homem, o menino
cuidadoso a lira leva.

A ROSE, A STONE, A WOMAN

a rose isn't a stone
a rose is a woman

a stone isn't a woman
but a woman may be a stone

BAHIA DE TODOS OS SANTOS

Fonte dos onze mistérios
do filho de Oxóssi, Amado,
eis a Cidade da Bahia
onde Virtude e Pecado,
amantes inseparáveis,
habitam o mesmo sobrado.

Uma paisagem de sonho
nesta Cidade se vê:
até mesmo o intangível
se torna fácil de crer.
Mistério ou cristal do tempo
tecendo seu conhecer.

Cidade da morenagem
do Encoberto e Revelado:

o mundo do desencanto
se completa no encantado,
porque o falso é o verdadeiro
quando visto do outro lado.

Nas histórias sucedidas,
Engenho e Realidade
partilham o mesmo dizer:
não se sabe o que é verdade,
se vestida de Magia,
e o que é lenda na cidade.

O Encoberto e o Revelado
tecendo seu conhecer
onde Virtude e Pecado
partilham o mesmo dizer:
uma paisagem de sonho
nesta cidade se vê.

CANTIGA DE AMOR E DE AMIGO

1

Deixa que eu plante
por mais um pouco
nos flancos feitos de fogo
pela chama da tua gesta,
raízes do nosso corpo,
na ternura que me resta.

Deixa que morra o desejo
no prazer do ventre e do beijo;
não nos braços da distância,
que transforma tudo em ânsia.

2

Deixa que permaneça
por mais um pouco
(distante é a mágoa do corpo),
sem medo do anoitecer,
nos flancos do teu cansaço,
dura flama do meu ser.

Deixa que morra este beijo
nos vales do ventre que eu vejo;
se crescer em nós a ânsia,
o desejo desfaz a distância.

CANTIGA DE AMOR PARA VIOLA E PÍFARO

I

Sob as vestes do teu corpo,
no desejo, desnudado,
sinto saudades do corpo
que se desnuda ao meu lado:
no desejo do teu corpo,
eu vejo o corpo sonhado.

Traçando um círculo a giz,
confundimos os extremos:
naquilo que nós amamos
amamos o que não temos;
não apenas o perdido,
também o que não tivemos.

II

No desejo do teu corpo
amamos o que não temos
no desejo do teu corpo
confundimos os extremos
no desejo do teu corpo
também o que não tivemos.

Traçando um círculo a giz
eu vejo o corpo sonhado
não apenas o perdido
que se desnuda ao meu lado
sob as vestes do teu corpo
eu vejo o corpo sonhado.

CANTIGA
DE DESAMOR

A astúcia nos ensina:
as uvas inacessíveis
são todas azedas.

Tu, Fedro,
declaraste a raposa
culpada?

Apodrecem os frutos,
esquecidos na permanência,
à espera dos pássaros.

Colheita impossível,
ou adubo da terra,
que desconhece a mão.

Não nos damos
porque não sabemos
para que somos.

O tempo ensina:
as uvas inacessíveis
secam. Azedas.

COMPROMISSO

Vi a estátua de mármore
rolar sob os pés dos manifestantes
e o doido espancar as ruas,

Partiu-se o Mármore:
o passado tornou-se pedaços
de pedra caídos no chão.

E foram improvisadas
novas armas
contra as falanges do rei.

O CONFESSIONÁRIO E O DIVÃ

O verbo e a carne
são um só
corpo que brinca de dois.

O Espírito se ajoelha
diante de Um
para ser condenado.

O Corpo se deita
diante do Outro
para ser absolvido.

O homem procura
o que acha.

CORRENTEZEAR

Narrando noturnos cantos,
rouco, de tanto roçar,
pelas pedras ao redor,
vai o rio, rumo — mar.

Franco na sua linguagem
(nascida neste lugar)
que, por seca de sentido,
só nós sabemos falar.

Sua linguagem é liquida,
apenas, no linguajar,
quente, raivoso e rápido,
quando se pões a rolar.

Seguindo a gente daqui,
ela é bem irregular:
suave no simples ouvir,
seca no significar.

CREDO

Interseção de um
fica no outro.

No teu futuro gesto
me refaço,
        embora amanhã
        sejamos dois,
se inauguro em teu corpo
um novo espaço,
        o antes confundido
        no depois,
que vai do teu prazer
ao meu cansaço.

Deixei na tua fala
meu sotaque.

Na planta dos meus pés
estão teus passos.

Se não morreu no leito
tanto encanto,
a pedra do alquimista
fez-se ouro:
no teu futuro jeito
eu me encontro.

A plenitude de um
refaz o outro.

DECLARAÇÃO DE BEM

Ainda pertencemos
um pouco
a tudo quanto amamos

As dobras desfeitas
no lençol
rasgado

desejo do corpo
de antigamente

O lábio úmido
de um beijo nas bainhas
da lembrança

e um corpo perdido
entre as brumas
do esquecimento

Porque nos demos
sem mentira
e intensamente

ainda pertencemos
àquela que nos foi
senhora

e cavalgou a madrugada
no dorso rubro
do desejo

Não nos pertencemos
nem àquela
a quem nos ofertamos

e é nossa
dona e senhora

nas horas amargas
por vir

Ainda pertencemos
um pouco
a tudo

O quanto amamos.

O DIÁLOGO

O Leitor:

Sou silêncio e espera
em busca de um sentido
para o que não sei dizer.

Meus olhos
procuram tuas frases,
tuas linhas, teus versos,
onde bebo a seiva oculta
e obedeço a minha sede.

O Texto:

Obedeces. Mas não apagas.

A seiva é miragem
na areia deserta do ser.

O Leitor:

Nas tuas palavras fugazes
ouço vozes do meu silêncio,

descubro
outras dobras do côncavo
e as montanhas do meu prazer.

O Texto:

E, no entanto,
sou ilusório,

como os deuses
que não existem
além da crença

e habitam o espaço vazio
entre o ser e o nada.

O Leitor:

Todo deus é feito de perdão.
Mesmo ao pecado maior:
a adoração ao nada,
descrença.

Seu corpo diáfano
é feito de perdão.

O Texto:

Efeito de perdão.
Fantasmas da culpa
talvez.

Para isso foram feitos.

Os deuses são complacentes,
como hímens complacentes,

àqueles que lhes emprestam

corpo e alma
para que vivam.

É triste
o desespero de um deus
morrendo
na solidão do infinito sem luz

enquanto desaparece
na descrença dos fiéis.

O Leitor:

É preciso crer
para que vivam

na eternidade de nós.

O Texto:

Ou para que vivas
depois da morte.

O Leitor:

És também um dos deuses.

Para mim
que leio teus salmos

e para o outro
que te escreve.

O Texto:

Por isso preciso de ti
e do outro
para existir

e para dar o que não tenho.

Posso ser belo,
posso ser triste
como a lua
a refletir na noite
uma luz que não é sua.

Preciso de ti.

Objeto sem luz
que no fogo do outro
se ilumina

e reluz.

DIDÁTICA DO RIO

Do rio o molde da fala
levas (sem saber) guardado,
líquido e saltitante,
por pedras interpelado.

Deste modo não entonas
único e reto dizer:
modulas em cachoeiras,
como os rios sabem fazer.

Do rio, a fala ligeira
como se fosse corrente
de água (que se aperta
na margem) quando fluente.

Do rio, o fugir constante,
o sempre ficar em mim,
qual ritmo impassível
de um compasso sem fim.

EIXO

O homem é, por si mesmo,
sem outro metro qualquer,
justa medida do homem.

Terra, pedra ou tecido
pedem medida estranha;
de convenção relativa.

Múltiplo e absoluto,
o homem é simultâneo:
lâmina corte medida.

ETERNO EFÊMERO

Um dia inventei como louco
o desejo
de me hospedar no teu corpo

Habitar a plumagem macia
e o côncavo mistério
de encantos escondidos
dos olhos de fogo do sol

Não te desejo
como um homem deseja
a uma mulher

Seria querer bem pouco
quando há muito a desejar

Eu tenho desejos de louco

querer teu corpo
eterno efêmero
sonho e plumagem a desejar

Na posse breve
do teu instante

claro relâmpago
quero habitar

FÁBULA NIETZSCHEANA

No olho de Zarathustra
A menina espia o poeta
Que parece sair do mar.

Do mar,
Pavão primeiro,
O poeta aprendeu a vaidade.

As vagas ressoam
Confetes
Em vento e fúria.

Mar e pavão,
Mesmo diante do búfalo,
Abrem a cauda:

Jamais se cansam
Do leque de louça,
Jade e jasmim:

Despem-se formosos
Como uma bailarina,
Desafiando o búfalo

Que foge com fastio.

FÊNIX, A PALAVRA

Escondida na poeira,
antes de ser lapidada,
a pedra guarda seu brilho
de fascinante emboscada.

As palavras que partilho
há muito que são usadas,
existem antes de mim,
sendo por mim inventadas.

São palavras conhecidas,
por toda gente faladas
(sentido gasto na lavra),
soam, sem ser escutadas.

No suor que tece o tempo
sua tinta é carregada,
tão antiga e cambiante
como é nova a madrugada.

FONÓGRAFO: SOLFEJO FALADO

Falar é dominar
a sinfonia mágica
da língua.

Notas soltas
pulam,
plosivas,
da ponta dos dentes.

Fá lá ré dó mi
nar
a sinfonia difusa
do verbo.

Faringe
ou laringe,

fá, sol, lá,
a flauta solfeja
a escala
do rei Midas.

A fala se faz
em notas
sonoras,
fonemas surdos.
Fricativa ou lateral.

Similar é o falar do sol
em clave
ou sistema
solar.

Si mi lá ré fá lá dó sol.

Vou-me embora pra Pasárgada,
na clave de lá

o si o sol,
bemol,
nunca bequadro,
bandeira
a tremular no vento.

Falar é dominar
a pauta perdida
em cada canto
de boca.

Solfejo ao lado,
solado
canto
de sonoras sílabas.

Ao redor
a fala sola
palavras
em redondilha
fácil.

Lá,
se re fa z a sílaba
e o sol
fala em dó
ré:
contraponto
do falado si-
lêncio.

Falar é dominar
a música
mítica
ou mistério
amorfo do pensar

tornando som
ruído solto
em si.

FRAGMENTO

O bicho homem
é o mais feliz de todos.
Mesmo os pássaros,
na alegria alada do azul.

O homem sabe mentir
e rir.
E sabe que tudo é mentira
e ri.

Só os sábios, coitados,
que sabem a verdade,
não riem.

Só os sábios
pensam a verdade

com a certeza
que os tolos
se pensam
sábios.

GODÔ, O VELHO BRUXO

Nos 70 anos do poeta
Godofredo Filho

No campo dos pentagramas
sete fonemas
sono(u)ros
proclamam em consonância
a convocação da palavra.

Sobre a clareza
da folha,
combatem sinais discretos:
unidades de sentido
engendram as estratégias.

É a transmutação dos metais
em verbo
cortante e preciso

que o velho bruxo enleva
no condão da sua pena.

As vinhas estão flor
indo
por entre os dedos do mágico

que retira
do chapéu
os prazeres do sentido.

JORNAL

Vamos requentar o afeto
e por a mesa novamente:
os mesmos lugares antigos
e a conversa amena do meio-dia.

A chama é fria
no corpo da alma
e Eros ferido
estanca cicatrizes.

Vamos requentar o afeto
como um gole de café
que tira o sono
mas, dormido, amarga

sem prazer nenhum.

NATAL
DAS PEDRAS DO RIO

Porque dizem na cidade,
aqui também é Natal,
tempo de mangas maduras
e sanhaço no quintal.

Entre galhos de jurema
e plantas de igual agreste,
a gente espia o Natal
que de seco o mato veste.

Mas na casa de farinha
um Natal melhor se vê:
muita neve, torradinha,
em sacas, para vender.

Tem anos que se festeja
sem tirar os pés do chão:
nada de sonho ou descanso
enganando a precisão.

Comida aqui se arranca
da pedra ou mesmo da lama
(mandioca ou marisco,
conforme seja a cama).

Papai Noel, de presente,
enche a lama de mapé:
porque lama é sapato
onde a gente bota o pé.

ODE AMORIAL

Ontem, era o menino
que brincava
sob o frio de junho,
junto à fogueira:
queimando os novos fogos
que desejava
quando acendia o sonho,
em brincadeira.

Hoje, dentro de mim,
ele campeia
nas cinzas mortas
da velha fogueira.

Mas como o sangue
é vivo, na veia,
nas horas mansas
em que não te vejo,
como um balão,
distante, se incendeia
um beijo: de saudade
— e de desejo.

O ENCOURAÇADO

Joga fora teu escudo
de defesa contra o amor:
o bronze, metal guerreiro,
não pode com o invasor.

Do outro lado da fibra
(divisa do esquecimento),
guarda as palavras de ferro,
artilheiras do argumento.

Deixa teu elmo de lado
que não serás mutilada:
o amor não tem espadas
ou anjos encouraçados.

Não tem flechas o amor
nem se atira ternura:
deixa teu peito de fora,
despe guerreira armadura.

OLEPSE

O certo é o errado
no espelho

Ohlepse

A paisagem
Os olhos da menina
derramam

Na boca
o céu das palavras

A coerência
dos ditos verbais
é a verdade

Nada mais

O HÓSPEDE

veio de repente
e sem pedir licença
se fez hóspede da casa

na sala de visitas
pôs os pés sobre o sofá
e distraído adormeceu

por que tão tarde chegou
sem uma palavra
confortável na boca?

velho desconhecido
que tanta mágoa descobre
nos quatro cantos da casa

rompeu meu silêncio
tomou minha estante
meus livros minha cama

como foge de mim
amanheço o tempo na janela
adormecendo estrelas

O PARAGUAÇU E SEU VALE

I

Na Cachoeira daqui,
água não cai: alaga.
De nada vale a prece
pois São Félix, vizinho,
nada pode contra a praga.

Mesmo sendo Cachoeira,
difere das que existem:
água, para vencê-la,
tem que correr para cima,
como a seguir uma estrela.

II

O Rio Paraguaçu,
escrevendo sua história,
anda errando caminho,
se perdendo pelas ruas,
esquecendo seu alinho.

Quando vencida a margem,
a férrea ponte geme:
a vertente que deságua,
em coito com outros rios,
segue — parindo mais água.

O PRONTUÁRIO

Por entre as persianas
da velha e desbotada janela
a inscrição luminosa
do impossível acrílico:

UTI sentimental.

Abriga desajustados do amor
que cavalgam relâmpagos,
habitam primaveras ruidosas
e fazem estações d'água
nas tempestades de janeiro.

Lá dentro,
no fim do corredor
de rostos esquecidos,
o pavilhão dos isolados.

E o aviso, terrível:
Cuidado! Contágio.
Ternura à flor dos olhos
E o peito em chamas.

Ah, o amor, o amor,
rumor.
A procura em tanto corpo,
pelos lábios, ainda molhados
de desejo.
E a ausência,
depois do Tumulto
e do Silêncio.

Ah, amor, amor,
palavra tão vazia
que, no encontro,
surge inesperada
e nova.

Como um susto.

O ventre de eterna gestante
reinventa o sentido perdido.
Ah, o amor, o amor, o amor.
Quando me encontras,
minha couraça está descrente.

O coração
exausto
não te reconhece
a face.

O SIGNO SELVAGEM

XV

Bendito o pecado
original
de todas as virtudes,
rubra maçã
de pomar vizinho.

Bendita seja toda árvore
que criaste
com a palavra,
fruto do bem
e do mal.

Tudo é sagrado,
mesmo o maldito,
porque da tua boa
nasceu.

XVII

As coisas que criaste
a Ti devolvemos
refeitas
com a palavra,
condão que nos deste
como se deuses
fôssemos.

O homem
não imita o mundo:
refaz
para ver refletida
sua imagem.

XV

Bendito o pecado
original
de todas as virtudes
que criaste
com a Palavra
fruto do bem
e do mal.

Chamaste a luz de luz
e a treva de treva
porque quiseste.

Poderias chamar
o silêncio
palavra
e a ti mesmo
Poesia.

PARÁFRASE

A Mirela Márcia

Rasgar a face do oceano
onde sangram espumas
navegar

É preciso
Sem pedir licença
nessa água
        égua arisca
até que se afogue
            afague o flanco
e náufrago do cansaço
o corpo do fogo
abandone a chama
no repouso
                e afunde

É preciso ir
Saber não é preciso

Ir sem remo
rumo
incendiar os barcos
do outro lado
que
intocada
guardam a costa
A margem
inútil

Inaugurar promontórios
no deserto
e ver o céu invadido pelo mar
onde corcéis negros galopam
e o sonho transpõe o sono
feito corpo

Transpor o dia e o sol
adormecer o corpo molhado
e tornar a enrubescer
até que Noé
reconstrua sua arca
no dilúvio que nos fez

impunemente
compor
vestir o rito
despir

O outro lado não há

Depois das águas do Apocalipse
o mundo renascerá em fogo

PARÁFRASE 2

"Não existe hora certa,
existe o meu relógio."
Ildásio Tavares

não existisse hora certa
mas o meu relógio
sem que ninguém visse
seguraria os dois ponteiros
no morto instante da memória

PARTILHA

primeiro
juntamos nossas coisas
nossosono
e fizemos um só
dia amante

depois
dividimos o tempo
em sonho e náusea
dois contratempos

agora vamos separar
nossos bens menores
que o maior se perdeu

mas
pra que part
ilha?
se sonos tão sóis

POEMA DE NATAL

Por que Deus
não fez o homem
sua imagem e semelhança?

A mentira sagrada
é a verdade das escrituras.

O deus de Israel
tem o cajado
da circuncisão.

Tem flechas e penas,
em Pindorama.
Negro, na África da Bahia.

O recém-nascido do *reich*
os filhos de David odeia,

e a Estrela Guia, inútil,
luz pálida na manjedoura.

A menina palestina
perdeu a prenda dos reis
magos:
morreu na mão de Herodes.

O deus dos homens
é cúmplice:
aceita oferendas
de sangue e lágrimas,
repousando os olhos infinitos
e fechados.

Rivais demiurgos
fazem guerra.

Por que os deuses
não são irmãos?
Mas generais
na linha de fogo?

O verbo
é o poder divino.

Narciso de barro,
o Homem fez deus
sua imagem e semelhança.

POÉTICA

I

Tecer o fio tênue
do impreciso,
fazendo romper

palavra arisca,
égua ou potro,
bravios,

o estrito silêncio:
cristal do sentido.

Tumulto
galope
bruxo
texto
lâmina.

II

Decifrar o enigma
imprevisto
da esfinge,

morta
        e mutante,

cifrado
na face
passageira da manhã.

Gestação
de bruxo

em tumulto
                e lâmina:
eis o texto.

III

Sujar de sangue
e vida
o lençol do código
perfeito
refeito na fala
do verso

presente
ao corpo nu

futuro
ou desejo.

Galope de bruma
em tumulto
e lâmina:
eis o texto.

PRESENÇA

I

E uma chuva fina
me encontrou na rua.
Sem que fosse tempo
de tais sentimentos.

Molhou minha roupa.
Encharcou meu corpo.
Encolheu meu rosto
de pesados gestos.

Sem que fosse tempo
de tais sentimentos,
subiu pela escada
deste apartamento.

II

Era uma chuva fria.
Tão impertinente
que seguiu meus passos.
E lavou meu sono

diluiu meu sangue
atravessando a pele
inundou-me a boca
transbordando os olhos

na minha lembrança
tu dançavas nua
e uma chuva fina
me encontrou na rua.

QUADRAS DE RODA

O amor já foi menino
cupido e brincalhão.
Hoje é um velho doente
que xinga e cospe no chão.

A infância já passou
e a velhice nos espera.
O amor foi brincadeira
mas agora é a vera.

Do seu arco a seta fere,
sangra a carne, envilecida,
e o ser cedo envelhece,
transformando em sono a vida.

RENASCIMENTO

Não sou o mesmo antigamente.

Morro a cada instante
para renascer no presente.

Milhares de vidas
sepultadas no meu corpo
em cada por-de-sol.

As células de extinguem
diante do novo
que anuncia:

Não sou o mesmo
que ontem.

A noite adormeceu
contemplando a figueira.

Sete almas revividas
confluem à razão
gestando outra vida.

Morro a cada instante
para renascer no presente.

Não sou o mesmo de antiga
mente.

RESÍDUOS

Como aquele que flui
e fui, antigamente,
está vivo nas veias

como um cão vadio
por dentro da pele,
sou o mesmo de ontem
e este de hoje.

Como aquele que flui
pertenceu, por inteiro,
a teu corpo, senhora:

aquele que fui,
outra parte do outro

que hoje existe
ainda o pertence.

Como aquele que fui.
E tudo
que flui.

QUATRO CANTOS DO RUBAIYAT

Recriação de quatro fragmentos do *Rubaiyat*, de Omar Khayyam, com base no texto inglês de Edward FitzGerald.

DA INTERDIÇÃO DE EROS
(ou *Do Segundo Rubai de Khayyam*)

Antes que as Sombras
da manhã se apagassem,
vislumbrei
o Sinal de uma Voz
na Taverna:

— Quando
por dentro
todo Templo faz-se espera,
por que
lá fora
adormece a Primavera?

DA EXPLOSÃO DE EROS
(ou *Do Terceiro Rubai de Khayyam*)

E,
quando o galo cantou,
disse
o que esperava
diante da Taverna:

— Abre a porta,
e Ligeiro!
Você sabe
que é pequena
a Sombra do Luar
e,
uma vez, desfeita,
pode
não mais voltar.

DA DURAÇÃO DE EROS
(ou *Do Oitavo Rubai de Khayyam*)

Vem,
enche a Taça,
e
no Fogo da Primavera
incendeia
o Vestido
do Arrependimento:

O Pássaro do Tempo
tem vôo
breve
e leve
é o Esvoaçar do seu Momento.

DA PERMANÊNCIA DE EROS
(ou *Do Décimo Rubai de Khayyam*)

Vem
comigo
e se desnuda
na folhagem
onde o Deserto
se encontra com a Floresta:

Não há Escravo
nem Senhor
cá deste lado

— e Paz
a Mahmud
no seu Trono dourado.

SOLILÓQUIO
de São Francisco de Assis

Vezes sem conta
converso Contigo.

Atento me ouves
sem dizer palavra.

Às vezes escutas
distraida
mente
como quem olha
uma folha

que lento
o vento embala
e a calma balança.

Converso Contigo
mas Tu não respondes.
E meus amigos
me chamam de louco.

Só rindo sozinho
sei que não sou louco

porque posso ouvir
a Voz do Silêncio.

SONETO

Quando o tempo era só nosso,
tu me chamavas princeso
e na aura do teu corpo
guardavas o calor aceso.

Quando o tempo era só nosso,
um tempo que quero e quis,
sem saber o quanto e muito,
— em ti — vivia feliz.

Quando o tempo era só nosso,
ai tempo que eu quero agora,
viver os dias de novo,
fazer da tarde a aurora.

Quando o tempo era só nosso.
Se tu puderes, eu posso.

TEBAS REVISITADA: CIDADE DA BAHIA

Caramujo fugido do mar,
carrego comigo o velho búzio
— a casa —
com seus fantasmas antigos,

seus naufrágios
em tardes de calmaria.

Minhas pernas se confundem
com as raízes das árvores mortas;
meus braços, os galhos
estendidos à espera
do abraço.

Caramujo fugido do mar,
carrego comigo o velho búzio

— os búzios da cidade,
misteriosa e madrasta
que me oferta
seu peito de lembranças,
feitiços e ilusões —
onde me alimento
de angústia
e sonho.

Cidade placenta
de praças e becos uterinos,
onde o incesto
acena à sedução

e os sobrados,
vestidos de branco,
escondem fantasmas cinzentos.

Caramujo fugido do mar,
carrego comigo o velho búzio
— a casa —

e a certeza que me habita
e grita:
Um cordão fantasma
prende meu umbigo,
ainda inteiro
à paisagem da cidade.

UMA QUASE TRADUÇÃO DE LORCA

sinto
que arde nas veias
o sangue

rubra chama
paixões incandescentes
no coração

senhora
inundai-me
por favor

quanto tudo queima
somente centelhas
voam

ao vento

UNO

Quando comigo
falavas,
eu nada te respondia:
eram minhas as palavras
que tu mesma
me dizias.

Como também eras louca
longo tempo
procuramos
estrelas
no céu da boca.

Cada palavra tecida
era um mundo

paralelo
aos travos da nossa vida.

E por fim
eu não sabia
se era meu o sortilégio
que nos teus olhos
eu via.

Confundidos,
tanto assim,
não sei se esta saudade
vem de ti
ou vem de mim.

Cid Seixas é professor titular da Universidade Federal da Bahia e da Universidade Estadual de Feira de Santana. Publicou diversos livros e centenas de artigos, tendo orientado teses de dourorado e dissertações de mestrado. Antes de se dedicar ao ensino, trabalhou como jornalista, de onde vem sua preferência pelos textos breves e de alcance pelo leitor comum.

ESPELHO CÔNCAVO

Desse modo, ao aprender a ler e a escrever o essencial, descobri também que ler é uma forma de criar, inventar e ultrapassar os limites. Se na leitura reinventamos e reescrevemos, nas páginas luminosas da imaginação, tudo aquilo que foi revelado e velado pelos autores lidos, para que escrever nossos impróprios versos?

Cid Seixas

e-book.br
EDITORA UNIVERSITÁRIA
DO LIVRO DIGITAL